

Façamos “justiça” às mulheres de famílias excêntricas e aos gays da faixa de Gaza

Let us do “justice” to the families of eccentric women and gays in the Gaza Strip

Rosimeri Aquino da Silva*
Fernanda Bittencourt Ribeiro*

RESUMO: Neste artigo, retomamos falas ouvidas e desconfortos percebidos em salas de aula onde atuamos como professoras em cursos de graduação e de pós-graduação, desde o início dos anos 90. Estas vozes e sentimentos norteiam nossa abordagem acerca da persistência simbólica, neste início de século XXI, de rígidas convenções de gênero, da noção de “família desestruturada” como a fonte de todos os males ou da norma heterossexual como caminho para a felicidade. As reações de espanto diante de dois filmes - *A excêntrica família de Antonia* e *Bubble* - apresentados e debatidos em sala de aula ao longo de nossa prática docente são suportes para uma interpretação que coloca em relevo a necessária violência implicada nestas continuidades.

Palavras-chave:
violência ; gênero;
família ; sexualidade ; heteronormatividade

Solo de outras feminilidades

Nós, professores e alunos, atores sociais de muitos dos dramas e das ações escolares, por vezes somos ambivalentes em nossas avaliações sobre as causas, as motivações, as “molas propulsoras” dos insucessos e das violências desencadeadas em minados campos educacionais, assim como nas fórmulas pensadas para lidar com elas. Ainda que repletas de boas intenções, frequentemente, as interpretações sobre as violências e os fracassos insistem em fazê-los resultado inequívoco de “desordens na família”.

Em momentos de reflexão coletiva, quando “o ar se torna mais denso”¹, pois há o silêncio do livre pensar e o barulho do livre dizer, julga-se, por exemplo, as “novas configurações familiares” e “os novos casais gays” que insistem em *querer aparecer: não tenho nada contra, mas... ; as crianças ficam confusas, como explicar a elas sobre novas e encantadas parcerias constituídas por príncipes e príncipes, princesas e princesas? ; eu me pergunto sobre as referências masculinas dessas crianças; preocupo-me com a cabecinha delas; a família está sob ameaça! ; mas o que é isso? ; querem transformar a escola num antro de homossexualismo?* — alguém também murmura².

Não sejamos injustos! Nesses momentos de incompreensão ou de uma compreensão fundamentada em parâmetros heteronormativos, sobre as novas demandas das sexualidades hoje, também emitimos “pareceres favoráveis” à liberdade de ser e de viver, à plenitude dos direitos ou sobre a necessidade inequívoca de uma justiça ampla e irrestrita. Quando falamos sobre os problemas da escola, não é incomum ouvirmos posicionamentos preocupados com o abandono das crianças na atualidade, ou melhor, sobre as consequências, vistas como necessariamente nefastas, da transferência dos cuidados das crianças para especialistas, creches e professores. Sabemos que o motivo dessa mudança no cuidado das novas gerações pode ser resultante de vários fatores: contextuais, históricos, culturais, econômicos. No entanto, a associação entre este “abandono” e a emergência de uma “nova mulher”, trabalhadora e pública, destituída de suas funções tradicionais, também é uma hipótese corrente em um claro reforço às assimetrias históricas de gênero. Não são raras as ocasiões em que as causas da violência contemporânea, e, mais especificamente, as dificuldades em se saber lidar com as novas gerações, “indisciplinadas e hiperativas”, são atribuídas a esse deslocamento de funções da mulher da atualidade. Um deslocamento, por vezes visto como obrigatório, por vezes visto como uma escolha pessoal. A obrigatoriedade ou a escolha podendo ser qualificadas de forma enobrecedora ou pejorativa de acordo com as mulheres de quem se fala.

Esta novata colocaria em debate o sentido usual da expressão “mãe de família”? Mulher da vida, mulher pública, mulher errada, mulher fatal, mulher da zona, mulher à-toa, mulher perdida, mulher da esquina, mulher de ponta de rua são algumas das diversas adjetivações que definem “outras” mulheres. Encontradas em dicionários, estas definições, por oposição, dizem dos lugares nomeados e destinados àquelas mulheres ocupantes de outros espaços sociais que não o do lar, o da mãe exemplar: a mãe carinhosa, a mãe boa, a mãe de deus, a mãe cuidadora — uma essência que habitaria as mulheres de forma invariável. A história das palavras também é a história da moral, dos costumes, da cultura societária dominante. Palavras como as

1 Citando passagem do filme de curta metragem brasileiro “Tudo que é sólido pode derreter”. Diretor: Rafael Gomes, 2005. <http://www.portacurtas.com.br/Filme.asp?Cod=3437#>

2 Em itálico, comentários orais e escritos de alunos de diversas licenciaturas e em diversos cursos de graduação (Administração, Contabilidade, Serviço Social, Farmácia, Medicina entre outros) onde trabalhamos com a disciplina de Sociologia Geral e Antropologia nos primeiros semestres desses cursos. Algumas das frases, também foram preferidas por profissionais da educação e da segurança pública em cursos de atualização, pós-graduação, e/ou extensão.

citadas, atribuídas às mulheres, também nos falam de limites, hoje colocados em xeque, não só pelo fato de algumas mulheres ocuparem outros espaços, mas também pelas “novas configurações familiares”: famílias monoparentais, famílias extensas e/ou ampliadas, famílias homoparentais, famílias adotivas, famílias alternativas, famílias comunitárias, recompostas etc. No entanto, ao analisarmos comportamentos hostis de jovens e crianças às demandas escolares, recorreremos constantemente à noção de “família desestruturada” como a causa eficiente de tais hostilidades. Mas quais são as representações hegemônicas de “família estruturada” sobre as quais esta interpretação se sustenta?

Falando nesses assuntos — novas configurações familiares e casais gays — uma professora denominou seu ambiente de trabalho como “faixa de Gaza”: além da precariedade material da comunidade do entorno, lá, na sua escola, “bombas” poderiam explodir a qualquer momento: as brigas do tráfico, a polícia na escola, o toque de recolher. Também micro violências “explodiriam” sobre alvos preferenciais que, salvo exceções, são os tantos “abjetos” (Butler, 2001) que por lá circulam: os gordos, os “feios”, os nerds, os excessivamente tímidos e desenturmados... Entre eles, aqueles meninos gays, delicados e assumidos que insistem em namorar, apesar da hostilidade do ambiente. Acontece também de nervos docentes e discentes ficarem “expostos”, como no dia em que apareceu a nova aluna travesti, “montada” e atrevida, exigindo respeito aos gritos. De qual tipologia familiar teriam emergido tantos estranhos?

O filme “A excêntrica família de Antonia”, quando exibido para debate em espaços educacionais, seja em escolas de ensino médio, seja em cursos superiores, ainda, a muitos, causa espanto³. Uma família excêntrica, adjetivando um solo feminino (pois formado por muitas mulheres) e bizarro, esquisito, esdrúxulo. Pois, nesse filme, uma mulher assume a chefia de um lar no qual são acolhidos muitos dos estranhos e rejeitados da comunidade, numa época (final da segunda guerra mundial) em que esta prática não era comum. Talvez se possa dizer que práticas de hospitalidade (Godbout, 1997; Gotman, 1997) e de acolhimento jamais tenham sido “normais” na modernidade, prevalecendo a hostilidade como padrão ético e a exclusão simbólica como mecanismo de poder. Aos estranhos, aos insanos, aos insensatos, — como lembra Foucault (2002) — restava o “acolhimento” das prisões, dos hospícios, das casas de saúde.

Tipos singulares povoam a trama do filme: um filósofo existencialista, uma artista observadora e paranormal, um casal cuja paixão é impossível concretizar-se em virtude de suas crenças religiosas antagônicas, um padre açoitado por seus desejos carniais. Também são muitos os tipos estranhos,

3 Título original: Antonia (1995), escrito e dirigido pela diretora holandesa Marleen Gorris.

especialmente, a julgar pelos paradigmas da atualidade, onde corpos saudáveis, belos, jovens e cheios de glamour são marcas hegemônicas e ideais perseguidos com afinco. Muito diferentes de Dedo Torto, Dedee, Boca Mole...

Outra mulher, também acolhida na família de Antonia, opta por ter muitos filhos, filhos de pais diferentes, filhos de desconhecidos, filhos de um ex-pai, visto que ela adora ficar grávida e parir. Prazer subversivo de uma mulher “sem regras” que, alegremente, descola a maternidade do sacrifício (Ribeiro, 2010), desobrigando-se de expiar a culpa de Eva e de viver o parto como padecimento do corpo e da alma. O amor floresce entre casais não convencionais e dotados de estéticas peculiares, insanos apaixonam-se, lésbicas apaixonam-se, velhos apaixonam-se, tudo na primavera! Lá estão eles desfilando diante de nossos olhos afetados pelas normas, os abjetos, os anormais, as subversões de muitas ordens, a provar que amores, desejos e fantasias sempre podem escapar a rigidez dos limites culturais, estéticos, científicos e/ou políticos.

Em meio à doçura, a singularidade e a beleza dessas personagens, mortos cantam e assombram os vivos. A violência, por seu turno, manifesta-se em outros lares não excêntricos da comunidade, visto que formados por arranjos convencionais: humilhações, estupros, violência familiar. Dedee, uma das singulares personagens do filme, sofre violência sexual em sua família e tem sua autoestima estilhaçada, ela é acolhida pela família de Antonia e retoma sua vida.

A estranheza sentida e exposta publicamente por muitos expectadores, ainda ecoa, fazendo “justiça” ao título brasileiro dado a essa obra⁴. In/compreensões das mais variadas formas, enunciadas nas frases que ficaram em uma memória de sala de aula: *Antonia era uma mulher forte, mas isso tem um preço. As pessoas não aceitam o que é diferente, ali todos eram diferentes. Não entendi nada! que loucura essa família! Como se entendiam? Sei lá, aquelas mulheres transavam demais! Não sei como um filme desses pode ser passado na Faculdade!* Frases que pareciam dizer de uma época (anos noventa) na qual se ensaiavam, em algumas instituições educacionais, maneiras de abordar temas tabus, temas polêmicos como a questão da homofobia. Ainda era possível expor publicamente intolerâncias, sem o temor de parecer preconceituoso ou ser politicamente incorreto, como se verifica atualmente nas instituições de ensino superior. Numa delas, a frase: *eu não gosto de ver essas pessoas nuas pela rua* [referindo-se a parada gay], *elas também têm que me respeitar!* — é dita nervosamente, entre os dentes, por um estudante calouro de medicina em 2011. Ele quer esclarecer que não tem nenhum problema com os gays — *o meu médico oftalmo é gay e sempre me respeitou!* Mas as fronteiras da alteridade são movediças e o mal estar, um de

4 *Antonia's Line* (USA), *Antonia et ses filles* (França), *Antonias Welt* (Alemanha), *L'albero di Antonia* (Itália). Vale observar que nestes títulos marca-se o reconhecimento de uma linhagem centrada em Antonia ao invés da adjetivação que marca a excentricidade de seus membros como no título em português.

seus indícios. Numa outra sala de aula registra-se o incômodo manifesto por um aluno de raciocínio rápido, irreverente e bem humorado que, surpreendentemente e de forma constrangida, “confessa” seu mal estar, sua *dúvida*, ao assistirmos a alguns vídeos do controverso *kit contra a homofobia*.

Mas até chegarmos aqui, embalados pela onda pós-estruturalista, pela emergência da AIDS, pelos novos movimentos sociais, pelo avanço tecnológico proporcionando novas interlocuções culturais; temáticas como estas, até então esquisitas nos territórios educacionais, ganhavam espaço no final do século XX: racismo, homofobia, xenofobia, misoginia, homossexualidade, direitos reprodutivos, gênero, transexualidade, direitos humanos (Silva, 2010). A explosão de temáticas “esdrúxulas”, obviamente, não ocorreu em todos os lugares. Esta seria uma expectativa por demais otimista para instituições societárias onde a desigualdade de gênero, a discriminação e a violência contra a mulher, assim como contra negros ou todos aqueles que fogem das regras heterossexuais, não causam estranheza, pelo contrário... Contudo, com base em relatos, comentários, ou, mesmo em escritos científicos, é possível afirmar que alguns professores pioneiros ensaiavam tais discussões, e, sem dúvida alguma, a excentricidade da família de Antonia reunia e ainda reúne diversos ingredientes garantidores de polêmica em sala de aula.

Mas por que a persistência do espanto? Estudos antropológicos — há longa data — descrevem configurações familiares que destoam do modelo nuclear sobre o qual se apoia a representação de “família estruturada”, constituída pela conjugalidade heterossexual e pelos laços consanguíneos (Fonseca, 2000; Grossi, 2003 entre outros). Talvez o espanto seja porque “A” família nuclear, branca e de classe média, uma velha conhecida, sempre presente nas propagandas de alimentos, de carros, de imóveis, entre outros, se consolide nos corações e nas mentes com grande eficácia. Tal eficácia contribui para que outros arranjos não possam ser pensados, ou melhor, pensados, quando constituídos, como desarranjos, desajustes, desestruturas, confusão.

Solo de outras masculinidades

O amor romântico entre dois homens é da ordem do possível? O amor não é uma prerrogativa heterossexual? O amor não seria uma experiência única, natural e saudável restrita ao casal da norma hegemônica? Em *Bubble*⁵, outro filme com polêmica garantida no território da educação, nos é contada a história de Noam, Lulu, Yelli e Ashraf. Noam, Lulu, Yelli dividem um apartamento em Tel Aviv, eles são jovens, “descolados” e parecem longe da violência política própria do lugar. Suas preocupações parecem restritas aos seus relacionamentos afetivos, amizades, festas, lembrando

5 Título original: *Ha-Buah*, Israel (2006), dirigido por Eytan Fox.

significativamente a forma como jovens cosmopolitas são representados no cinema da atualidade. Noam e Ashraf se conhecem em um posto da guarda da fronteira, quando Noam serve ao exército. Este é um ambiente horripilante, distinto da “bolha” onde os jovens amigos residem. Noam e Ashraf se apaixonam, suas origens culturais são diferentes e historicamente hostis, pois um deles é israelense e o outro é palestino. A complexa relação política entre Israel e Palestina serve de cenário a esse romance. A história de amor desses dois homens possibilita pensarmos, entre outras questões relativas à violência da sociedade atual, sobre a masculinidade e a homofobia. Todos estes ingredientes, em tempos de chuvas de bombas sobre Gaza, estão presentes nessa trama. Uma trama cujo final, adiantamos aos incautos, não é feliz à moda romântica: “*e viveram felizes para sempre...*”.

Aos desviantes da norma heterossexual, segundo as pedagogias culturais fílmicas (Gois, 2002) restaria a loucura, a morte, a solidão, ou seja, o final infeliz. Parece que a máxima “*e foram felizes para sempre*”, desejada por inúmeros endereçados do universo cultural cinematográfico, não se faz presente nas representações sobre o “universo” gay e lésbico. Se rastreamos comentários acerca desse filme, na internet, constatamos que apesar dos elogios, das inúmeras considerações de que se trata de um bom trabalho, de que os atores são interessantes, de que a impossibilidade da história de amor entre os jovens é apenas uma das inúmeras dimensões da intolerância vigentes no mundo atual etc., há certo ressentimento quanto ao final infeliz do filme: *quando penso no final do filme, tenho vontade de chorar; que família odiosa; é um filme de partir o coração; ele me deixa pra baixo, deprimido; odiei o final; isso é revoltante, os finais para os gays e lésbicas sempre são tristes*⁶.

Esse pode ser um primeiro aspecto a chamar a atenção: o final infeliz. Justamente por ele revoltar parte significativa da comunidade gay e comprovar a hipótese, junto aos heterossexuais, de que gays escolhem um modo de vida arriscado, triste, sem expectativa alguma de futuro: *não entendo, não consigo nem pensar, porque viver assim?; Não consigo nem imaginar o peso de ser homossexual!* – dizem alguns alunos. De que maneira – questionam estudiosos e militantes LGBTs – a sociedade vai construir uma visão positiva sobre os gays, se, por exemplo, nos filmes brasileiros, assim como em filmes estrangeiros, eles são representados como caricatos, bichas loucas, engraçadas ou, no extremo, deprimidas, solitárias, suicidas?⁷

A infelicidade previsível é um aspecto a ser ressaltado, muito embora todos nós saibamos, em alguma medida, que a heterossexualidade não seja nenhuma garantia inequívoca de felicidade plena. Talvez, se ficássemos atrelados ao ressentimento, poderíamos fazer uma estatística: em quantos filmes os casais heterossexuais e os casais homossexuais têm final feliz? Assim, poderíamos fazer

6 Estes comentários foram colhidos em diversos sites sobre o filme.

7 Esta questão é abordada pelo curta brasileiro “Cinema em sete cores”. Direção: Felipe Tostes, Rafaela Dias, 2008. http://www.portacurtas.com.br/filme_abre_pop.asp?cod=9339&exib=2636

uma analogia do encontro com o paraíso, uma constatação definitiva de quem é mais feliz nas pedagogias culturais, no cinema. Certamente, gays e lésbicas estariam em *déficit* no plano da felicidade, muito embora, já faz algum tempo, desconfia-se que uma vida isenta de sofrimentos, a partir da identificação com o “modo de vida” heterossexual, não venha no rótulo das garantias afetivas.

Significados, visões vigentes, conhecimentos considerados legítimos ou de senso comum poderiam colocar em xeque, inclusive, se é válido discutir-se masculinidade quando se abordam “problemáticas” homossexuais, tais como a natureza da violência e a possibilidade de relações afetivas, nos moldes do amor romântico. Em última análise, parece constituir-se em um elemento complicador, associar-se o “modo de vida gay” com o que veio a ser constituído, na cultura dominante, sobre o amor e sobre a masculinidade violenta (Louro, 2004; Silva, 2010). Algumas frases suscitadas pela exibição de *Bubble* em sala de aula são exemplares: *Amor? Mas entre gays só existe sexo! ; Gays são promíscuos! ; Eles são abusados, não dá para ir ao banheiro! ; Eles só querem saber de sexo, ninguém quer um relacionamento sério. ; Lá (em Israel) os gays podem servir ao exército? ; Achei esses gays do filme muito homens!*

Assim como a assertiva sobre o amor natural, saudável e verdadeiro, é possível encontramos a definição final, em inúmeros enunciados, de que os homens, *os homens de verdade*, são “naturalmente” violentos! Dificilmente encontramos discordâncias a esta categórica afirmação que se mostra de variadas formas: nas instituições, nos dispositivos pedagógicos, na tradição, assim como nas “novidades” apresentadas na mercadologia atual: brinquedos para meninos, filmes masculinos, acessórios para homens, de preferência em tons azulados. Afinal, ela ressoa há muito tempo, e, os exemplos relativos a essa suposta violência, naturalmente concebida e por vezes sugestionada como algo a ser seguido por todos os representantes da espécie, são constantemente produzidos: nas mídias, nas histórias oficiais ou ficcionais, na ciência, nos esportes, na cultura enfim.

Infundáveis exemplos estão como a comprovar peremptoriamente a assertiva: “Sangue, honra, glória, coragem”, como referências atribuídas ao “mundo dos homens”. Elas falam-nos de uma masculinidade forjada à duras penas, se considerarmos a fenomenologia da violência envolvida na confecção dessa masculinidade (Silva, 2010). E se palavras como honra remete a designações antigas, vingar-se como ato virtuoso, visto possíveis humilhações sofridas, seria uma espécie de nova roupagem do sentido antigo. Os meninos gays, na escola referida anteriormente, não reagem às agressões sofridas. Por isso, são vistos como *mulherzinhas*, covardes, passivos, *sacos de pancada*, segundo a professora. *Homens de verdade* não levam desaforo pra casa, se eles agem como *mulheres*

medrosas, assim serão tratados pelos outros. Caberia aqui o questionamento: ser tratado como mulher, neste caso, significa ser espancado?

Vimos que *Bubble* suscitou reflexões sobre outros aspectos da vida social que podem ser pensados para além do final indesejável e, para muitos, previsível naquele cenário de guerra e de discriminações. Em composição com a tragicidade da vida individual, oriunda de escolhas pessoais, retratada na obra, há, em termos foucaultianos, a tragicidade das instituições (governamentais e familiares) se sobrepondo ao amor romântico: a xenofobia, as discriminações, as persuasões à homofobia, as ameaças, as intolerâncias múltiplas, as violências, as guerras, à política, as trágicas disputas milenares entre os homens. Nesse jogo de forças, o amor romântico, não tem vez. Ou melhor, ele acontece, assim como flores nascem nos pântanos. Mas ele sucumbe às forças que tornam a vida pequena e triste. Foi dito que essa tragicidade vale tanto para os contos de fada gays quanto para os contos de fada heterossexuais, nos moldes *Romeo e Julieta*.

Compondo solos

Quais são os aspectos distintos e os aspectos comuns, possíveis de ser encontrados nos solos femininos e masculinos da “*Excêntrica Família de Antonia*” e de “*Bubble*”? O estranhamento experienciado por muitos expectadores, talvez derive do encontro com situações impensáveis proporcionadas pelos filmes: mulheres “fortes”, diversamente afetadas pela maternidade, lares não convencionais, casais singulares, pessoas fora do ideal estético contemporâneo, homens apaixonados.

As duas histórias retratam configurações familiares que fogem da norma hegemônica. Vimos que nesses filmes o casal “normal” da mercadologia contemporânea, assim como dos discursos médicos, jurídicos, educacionais e religiosos não ocupa o lugar central em relação aos outros constituintes da teia familiar. A família “por afinidade” de Noam, conforme a lente utilizada, também poderia ser vista como uma família estranha, como algo a parte das modelagens usuais hegemônicas: jovens amigos, gays e heterossexuais dividindo o espaço da casa. Mas as “repúblicas” de jovens são modos de residir historicamente bastante comuns...

O afeto e o cuidado entre os membros da família é outro aspecto semelhante entre as duas histórias. No entanto, a possibilidade da experiência do amor romântico entre gays causa desconforto em pensamentos fortemente modelados pela referência heteronormativa. Parece mais cômodo pensa-los como entes saturados de sexo anônimo, habitantes das zonas inóspitas da

vida social — nos termos de Butler (2008) —, do que partilhando condições de existência similares ou de grande proximidade a norma: apaixonando-se, dramatizando, casando, estabelecendo rotinas etc.

Um último aspecto a ressaltar: ao contrário de *Bubble* (classificado como dramático), *A excêntrica família de Antonia* (classificado como romance e comédia dramática) pode ser visto como não violento. Um crítico de cinema considerou que o Oscar de Melhor Filme Estrangeiro, deveu-se ao fato deste filme reunir todos os ingredientes que agradariam “aos velhinhos da academia que votam nesta categoria” e que “abominam violência” preferindo sempre filmes humanistas com criancinhas e velhos⁸. Estranhamente, o “excesso” de mulheres na excêntrica família de Antonia, parece ter o efeito de amortecer, para alguns expectadores, a dor profunda das personagens e as violências que as engendram. Contrastando com a abundância dos nascimentos, neste filme de pós-guerra; o primeiro encontro entre Noam e Ashraf, numa zona de fronteira secular, ocorre durante o parto de uma criança que nasce morta e cuja mãe é palestina. Sabemos que a grande proximidade entre nascimento e morte resta, nas diferentes sociedades, um acontecimento de difícil tratamento simbólico, uma zona de sombra e de indizível (Le Grand-Sebille et al, 1998). Na guerra sem fim em que *Bubble* está contextualizado este nascimento parece predizer — como uma maldição — a impossibilidade do amor entre os dois homens. Se é possível ver a “*A excêntrica família de Antonia*” como um filme *simpático e agradável* com seu *realismo fantástico* e premiá-lo por isso, em *Bubble*, a violência é inegável e fatal. Completamente às avessas, estes dois filmes, além do espanto, podem também confirmar “o que todo mundo sabe”, sobre a ternura das mulheres e a brutalidade dos homens e suas guerras.

ABSTRACT: In this article, we resume speeches and discomfort noticed in classrooms where we act as teachers in undergraduate and graduate courses since the early 90's. These voices and feelings guide our approach concerning the symbolic persistence, in the beginning of this century, of rigid conventions of genre, the notion of “dysfunctional family” as the source of all evil or the heterosexual standard as the path to happiness. The reactions of astonishment before two films - *Antonia* and *Bubble* - presented and discussed in classrooms throughout our practice as teachers are support to an interpretation that sheds light on the necessary violence involved in these continuities.

8 Marcelo Janot, *Telecine cult*, <http://www.youtube.com/watch?v=11jkgZobPTk>

Artigo
Recebido:30/04/2012
Aprovado:28/05/2012

Keywords:
violence, gender,
family, sexuality,
heteronormativity.

Referências

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2008.

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, Guacira Lopes. (org). *O corpo educado. Pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FONSECA, Claudia. Família, fofoca e honra – Etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre, Editora da Universidade, 2000.

FOUCAULT, Michel. É inútil revoltar-se? In: MOTTA, Manoel Barros da. (org.). Ditos e escritos: ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. vol. V.

FOUCAULT, Michel. Os anormais. São Paulo, Martins Fontes, 2002.

GODBOUT, Jacques T. Recevoir, c'est donner. *Communications*, 65, 1997. p. 35-48.

GOIS, João Bosco. Homossexualidades projetadas. Ver. *Estud. Feministas* [online]. 2002, vol. 10, n. 2. [cited 2012-04-28]. pp. 515-518. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2002000200020&lng=en&nrm=iso. ISSN 0104-026X2002000200020.

GOTMAN, Anne. La question de l'hospitalité aujourd'hui. *Communications*, 65, 1997. p. 5-19.

GROSSI, Miriam. Gênero e parentesco: famílias gays e lésbicas no Brasil. *Cadernos Pagu*, v. 21, 2003. p. 261-280.

LE GRAND-SEBILLE, Catherine, MOREL, Marie-France, ZONABEND, Françoise (edits). *Le foetus, le nourrisson et la mort*. Paris, L'Harmattan, 1998.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte, Autêntica, 2004.

RIBEIRO, Fernanda Bittencourt. “Mas elas são de outro planeta?” Sentidos do parto em questão. Florianópolis, Seminário Internacional Fazendo gênero 9, 2010. http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278285893_ARQUIVO_TextocompletoFBR-ST27.pdf

SILVA, Rosimeri Aquino da. *Quando os impensáveis entraram em cena: um estudo sobre polícia, educação, direito humanos e homossexuais*. Porto Alegre, CORAG, 2010.